ESTÁGIOS

No âmbito do curso de Educação Social, foi-nos proposto um estágio durante o ano lectivo de 2007. As alunas do 12º. ano foram colocadas em diversas instituições com vista a proporcionar-lhes uma abertura para o mercado de trabalho. Vamos contar um pouco da nossa experiência durante estes primeiros meses de estágio.

Eu, Marta, fui integrada no Lar Emanuel, onde me deparei com algumas dificuldades, tais como lidar com doentes de Alzheimer. Considero, hoje, que não estava preparada para esta realidade. Mas, dia após dia, fui superando os problemas e, neste momento, sinto que esta experiência está a ser bastante proveitosa para mim e enriquece qualquer pessoa que lide com estas situações. Tenho realizado várias actividades com os idosos e concluo, com isto, ter ultrapassado barreiras que, no meu futuro, me possam vir a surgir.

Eu, Tatiana, fui colocada no Lar de São Francisco, onde no início foi difícil a minha integração, por sentir que inúmeras pessoas com diversas funções no Lar dificultavam a oportunidade de mostrar o meu devido valor. Mas, como " depois da tempestade, vem a bonança", o meu estágio está a ser muito gratificante para mim, já que consigo desenvolver com os idosos diversas actividades e constato que a adesão destes tem sido bastante favorável. Confesso estar muito satisfeita com o meu estágio, por me sentir realizada e enriquecida com as vivências dos mais velhos.

Marta Santos e Tatiana Brasil

Com o novo currículo escolar na Escola de Formação Social, é necessário, durante o ano lectivo, realizar um estágio de 3 meses, integrado no terceiro ano do curso.

Neste momento, encontro-me a estagiar na Santa Casa da Misericórdia da Batalha, nas valências de A.T.L. e Centro de Dia. Aqui, incentivamos os idosos a colaborar em actividades festivas anuais, a nível da dança, do teatro e na expressão plástica. Queremos que eles se sintam úteis, em função das suas capacidades.

Como principal actividade, trabalhamos a expressão corporal que eles aceitam bem, pois mostram gosto em realizar os movimentos e muitos deles pedem para repetirmos.

Na parte do A.T.L., ajudamos as crianças a realizar os seus deveres escolares, desenvolvemos actividades apropriadas às suas idades e, as quais podem ser relacionadas com os dias comemorativos do ano, como podem ser desenvolvidas a partir de ideias nossas.

Para nós, estagiárias, estes dias de estágio são muito benéficos, e essenciais para a nossa formação futura, pois aprendemos muito, lidando com as situações concretas da realidade social.

Andreia Oliveira

Esta modalidade de estágio é realizada em três meses, durante o período de aulas. Começou no dia 4 de Janeiro e vai acabar no dia 31 de Maio. Durante este tempo, o estágio decorre às quintas-feiras de tarde (4 horas), e todas as sextas-feiras (8 horas).

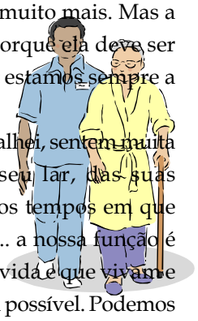
Todas nós estamos a estagiar em instituições diferentes e com diversas faixas etárias; umas estão com crianças e outras com idosos. São duas idades e vivências completamente distintas. Estamos distribuídas, maioritariamente, pelas freguesias próximas da Escola. Eu, por exemplo, estou a estagiar num ATL dos Marrazes, chamado "Vida Plena", com crianças carenciadas, entre os 6 e os 12 anos. Algumas são um pouco violentas, devido ao meio onde vivem, mas também há crianças muito queridas. Nos dias em que vou estagiar, ou levo actividades propostas por mim para fazer com elas, ou, se já houver alguma tarefa planeada, ajudo-as na sua realização.

Eu escolhi estagiar com crianças, porque é uma faixa etária muito engraçada e de que gosto bastante. Embora haja prolongamento das actividades escolares, ainda sobra bastante tempo para desenvolver outras iniciativas com elas.

Para concluir, devo dizer que estou a gostar bastante do meu estágio e está tudo a correr bem, tanto com as crianças como com as pessoas com quem estou a trabalhar, pois o ambiente é muito bom e divertido.

Vânia Mendes

Terminado o estágio curricular de **seis meses,** no Centro Social Paroquial de Caranguejeira, o balanço final é positivo. Nestes seis meses aprendi muita coisa, sem dúvida que foi uma experiência enriquecedora, pois se durante este tempo dei muito de mim, também aprendi muito mais. Mas a aprendizagem não ficou por aqui, até porque ela deve ser contínua, por muitos anos que vivamos estamos sempre a aprender!



Os idosos, grupo com o qual trabalhei, sentem muita saudade da sua independência, do seu lar, das suas terras...Pensam na sua vida passada, nos tempos em que podiam fazer a lida da casa, do campo... a nossa função é fazer com que eles se "esqueçam" dessa vida e que vivam e aproveitem o presente da melhor maneira possível. Podemos fazer isso através das actividades manuais, fazendo-os sentir-se úteis, ouvindo-os, o que é fundamental para eles. É preciso fazer tudo com muito amor, atenção e dedicação para oferecer um resto de vida digna, a quem tanto trabalhou.

Marlene de Jesus Pereira Marques

VISITA DE ESTUDO

Percurso pedestre bastante penoso

Depois de uma viagem de Leiria até Sintra com muita música, risos e boa disposição, chegámos finalmente!

Saímos do autocarro e nem imaginávamos o dia que nos esperava. O autocarro deixou-nos ao pé do Museu do Brinquedo e começámos a subir rumo à serra. Depois de ligar os "turbos", lá fomos nós...

Subimos...subimos...subimos... e fomos encontrando uns caminhos pedestres, pedregosos, não sinalizados, que iam circundando a serra de Sintra.

Voltar para trás? Nem pensar!... Não havia tempo, nem meios para o fazer!... Estávamos talvez a meio do percurso, mas a única alternativa era continuar a subir por aquelas pedras húmidas, rodeadas de vegetação verde, com paisagens fantásticas, mas assombradas pelo drama da subida.

A velocidade inicial começava agora a diminuir, surgiam as primeiras pausas para umas fotos, pois já que estávamos ali tínhamos que aproveitar todo aquele cenário de verdura e natureza. Eis que, finalmente, depois de vários "ais" e "gemidos" encontrámos um posto de turismo. Perguntámos quanto tempo faltava até ao palácio e responderam:

- É rápido, mais um quarto de hora a subir e estarão lá!

Aí veio o nosso desespero, depois de quase uma hora a subir ainda tínhamos mais um quarto de hora pela frente antes de chegar ao palácio para depois ouvirmos a sua história. Mas isso seria o menos grave, o pior é que tínhamos começado mesmo mal!...

Finalmente chegámos ao Palácio da Pena porque esta última subida foi feita no mini autocarro local e assim atenuámos um pouco o nosso cansaço!...

À nossa espera estavam dois guias que acompanharam os dois grupos de alunas e nos foram contando histórias, lendas e mitos do palácio. Vimos toda aquela magia que ali reinava, tendo quase a sensação de nos encontrarmos nos papéis de princesas e rainhas da época, pois todo aquele cenário era encantador e mágico.

Esta foi a história da nossa visita ao Palácio da Pena que, apesar do cansaço, valeu a pena!...

Carla e Lina – 11.º ano

Tal como o Carlos e o Cruges em "Os Maias", de Eça de Queirós, também nós aproveitámos a parte da tarde para percorrer os locais típicos dos passeios da burguesia do século XIX.

Acompanhadas por um guia, percorremos a vila de Sintra, conhecendo os locais descritos no capítulo VI da obra, como o Hotel Lawrence e o Palácio de Seteais, estando este envolvido por um jardim extraordinariamente belo e muito agradável, onde, segundo a lenda, uma rainha moura, durante um passeio, teria dado sete "ais" de prazer que se ouviram por toda a região.

Ao longo de todo este percurso – chamado "Percurso Queirosiano" – fomos fazendo paragens que, acompanhadas da devida explicação, serviram para aumentar os nossos conhecimentos e associar toda esta beleza natural àquilo que era a ociosidade da burguesia da época de Eça de Queirós.

Locais como a cascata artificial, o palácio de Seteais e a própria vila de Sintra prenderam a nossa atenção, deixando-nos embevecidas, remetendo-nos para um mundo diferente, como se do século XIX se tratasse!

Apesar de cansativo, foi um dia diferente, que nos proporcionou novas aprendizagens e um convívio saudável entre todas!

A Páscoa

Origem do Nome

Os eventos da Páscoa teriam ocorrido durante o Pessach, data em que os judeus comemoram a libertação e fuga de seu povo escravizado no Egipto. A palavra Páscoa advém, exactamente do nome em hebraico da festa judaica à qual a Páscoa cristã está intimamente ligada, não só pelo sentido simbólico de "passagem", comum às celebrações pagãs (passagem do Inverno para a Primavera) e judaicas (da escravatura no Egipto para a liberdade na Terra prometida), mas também pela posição da Páscoa no calendário, segundo os cálculos que se indicam a seguir.

A última ceia partilhada por Jesus e pelos discípulos é considerada, geralmente, um "seder do pesach" – a refeição ritual que acompanha a festividade judaica, se nos atermos à cronologia proposta pelos Evangelhos sinópticos. O Evangelho de João propõe uma cronologia distinta, ao situar a morte de Cristo por altura da hecatombe dos cordeiros do Pesach. Assim, a última ceia teria ocorrido um pouco antes desta festividade.

Origem dos Símbolos da Páscoa

É sugerido por alguns historiadores que muitos dos actuais símbolos ligados à Páscoa (especialmente os ovos de chocolate, ovos coloridos e o coelhinho da Páscoa) são resquícios culturais da festividade de primavera em honra de Eostre que, depois, foram assimilados às celebrações cristãs do Pessach, depois da cristianização dos pagãos germânicos. Contudo, já os persas, romanos, judeus e arménios tinham o hábito de oferecer e receber ovos coloridos por esta época.

Um ritual importante ocorria no equinócio da Primavera, onde os participantes pintavam e decoravam ovos (símbolo da fertilidade) e os escondiam e enterravam em tocas nos campos. Este ritual foi adaptado pela Igreja Católica no princípio do 1º milénio depois de Cristo, fundindo-a com outra festa popular da altura chamada de **Páscoa**. Mesmo assim, o ritual da decoração dos ovos de Páscoa mantém-se um pouco por todo o mundo nesta festa, quando ocorre o equinócio da Primavera.

Cálculo da Páscoa.

Como o calendário judeu é baseado na Lua, a Páscoa cristã passa a ser móvel no calendário cristão, assim como as demais datas referentes a Páscoa, tanto na Igreja Católica como nas Igrejas Protestantes e Igrejas Ortodoxas:

A Páscoa é um feriado móvel que serve de referência para outras datas. É calculado como sendo o primeiro domingo após a lua cheia seguinte à entrada do equinócio de Outono no hemisfério sul ou o equinócio de Primavera no hemisfério norte.

A data da Páscoa foi fixada no primeiro concílio de Nicéia, no ano de 325.

Assim, a Páscoa cristã é comemorada (segundo o costume da Idade Média e da Europa) no primeiro domingo após a primeira Lua cheia da Primavera (no Hemisfério Sul, Outono): a data ocorre entre os dias 22 de Março e 25 de Abril.

A decisão equalizava todas as correntes cristãs, mas é bem provável que nenhum método de cálculo da data tenha sido explicitamente indicado.

Essa decisão não foi sem discussão. Havia o problema da coincidência da data da Páscoa com as festas pagãs do início da Primavera. As igrejas da Ásia, principalmente, acreditavam que devia ser seguida a data do sacrifício do cordeiro em Pessach (14 de Nissan), que seria a data exacta da morte de Cristo.

Páscoa no Judaísmo

Segundo a Bíblia, Deus lançou pragas contra o Egipto. Na última delas, disse que todos os primogénitos egípcios seriam exterminados (com a passagem do anjo da morte por sobre suas casas), mas os de Israel seriam poupados. Para isso, os de Israel deveriam imolar um cordeiro, e passar o sangue nas portas das casas e Deus passaria por elas.

Diz ainda a Bíblia: *Conservareis a memória daquele dia, celebrando-o como uma festa em honra do Senhor: Fareis isto de geração em geração, pois é uma instituição perpétua* (Livro do Êxodo 12, 14). Assim, ficou instituída a festa da Páscoa.

Os Eventos da Páscoa Cristã na Cronologia Judaica

A Páscoa e o Pessach são eventos diferentes que não devem ser confundidos. Assumir o nome de Páscoa, que seria a tradução original de Pessach, para os eventos da Páscoa cristã, é algo razoavelmente confuso, que pode ter sido feito intencionalmente com a finalidade de substituir um grande evento da religião judaica por outro grande evento da religião católica.

O que acontece é que a morte de Cristo acontece em 14 de Nissã, dia do início de Pessach. A última ceia de Cristo teria sido um Seder de Pessach.

Páscoa no Cristianismo

Segundo o Novo Testamento, Cristo é o sacrifício da Páscoa. Isso pode ser visto como uma profecia de São João Baptista, no Evangelho de São João: "Eis o Cordeiro de Deus, Aquele que tira o pecado do mundo" (João, 1:29) e uma constatação de São Paulo "Purificai-vos do velho fermento, para que sejais massa nova, porque sois pães ázimos, porquanto Cristo, nossa Páscoa, foi imolado." (1Co 5:7). Na missa, os católicos repetem a frase de João Baptista.

Jesus Cristo, desse modo, é tido pelos cristãos como o Cordeiro de Deus que foi imolado para salvação e libertação de todos do pecado. Para isso Deus teria designado sua morte exactamente no dia da Páscoa judaica para criar o paralelo entre a aliança antiga, no sangue do cordeiro imolado, e a nova aliança, no sangue do próprio Jesus imolado.

A sequência da liturgia para todos os domingos do Ano Cristão está na dependência da Páscoa, excepto os domingos do Advento, que são sempre quatro Domingos antes do Natal, não importando se cai no Domingo ou em outro dia da semana.

Como, segundo a tradição cristã sustentada no Novo Testamento, Jesus ressuscitou num Domingo, surgiu a prática de os Cristãos se reunirem aos domingos (literalmente, Dia do Senhor), e não aos sábados, como fazem os judeus (*shabat*). Esta tradição foi modificada posteriormente por algumas igrejas protestantes que retornaram ao costume judeu de guardar o sábado.

Pe. Rui Acácio

A Residência vista por dentro

A residência é um local onde se fazem várias aprendizagens: prepara-nos para uma vida futura, incentiva à vivência em grupo, ensina-nos a partilhar, ensina-nos a adquirir cada vez mais autonomia.

Não é fácil a adaptação a este tipo de vida, uma vez que a vivência em grupo tem as suas regras, são muitos feitios, estilos de vida diferentes, idades diferentes e tudo isto faz com que nem sempre seja simples adaptarmo-nos a esta convivência. Contudo, com o passar do tempo, vamos descobrindo que a nossa residência escolar não é apenas um local onde passamos a semana. A residência é a nossa segunda casa, a Amélia, a nossa mãe, e as amizades que se criam são tão intensas que nos vemos todas como irmãs.

Todo este convívio fraterno é fantástico, ao contrário daquilo que se possa imaginar. Ninguém se sobrepõe a ninguém e tudo o que fazemos em grupo é feito em consenso. Temos regras que são essenciais para que a vivência em grupo seja o mais saudável possível.

Muitas vezes fazemos jantares comuns, que são sempre muito animados e divertidos, e todas nós partilhamos o valor da fraternidade.

As nossas actividades pessoais decorrem naturalmente, sempre conciliadas com as actividades umas das outras. Defendemos uma coisa que nos parece ser a mais importante desta vivência: "Todos temos a nossa liberdade, desde que não se ponha em risco a liberdade do outro".

E é assim que passamos as semanas na nossa residência. Queremos aproveitar esta oportunidade de poder escrever este artigo no jornal para agradecer à Amélia (responsável pela residência) tudo o que tem feito por nós e por nos "aturar" em momentos bons e maus e também dar-lhe os parabéns por há anos dedicar a sua vida inteiramente a este serviço: o de orientar positivamente todas as meninas que por aqui passam.

As meninas da residência

Os símbolos da Páscoa

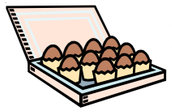
Como surgiu o chocolate?

"Theobroma" é o nome dado pelos gregos ao "alimento dos deuses", o chocolate. "Theobroma cacao" é o nome científico desta guloseima vulgarmente chamada de chocolate. Quem o baptizou assim foi o botânico sueco Linneu, em 1753.

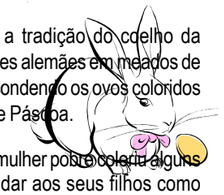
Contudo, foi com os Maias e os Astecas que esta história teve início. O chocolate era considerado sagrado por estas duas civilizações, tal qual o ouro. Na Europa, chegou por volta do século XVI, uma mistura de sementes de cacau torradas e trituradas, à qual se juntava água, mel e farinha, tornando-se rapidamente popular. É de lembrar que o chocolate foi consumido, durante muito tempo, apenas como uma bebida.

Em meados do século XVI, acreditava-se que, além de possuir poderes afrodisíacos, o chocolate dava poder e vigor aos que o bebiam. Por isso, era reservado apenas aos governantes e soldados. Além de afrodisíaco, o chocolate já foi considerado um pecado e um remédio, ora sagrado, ora alimento profano. Os Astecas chegaram a usá-lo como moeda, devido ao valor que este alimento possuía.

No século XX, criam-se os bombons e os ovos de Páscoa, como mais uma forma de estabelecer de vez o consumo do chocolate no mundo inteiro. É tradicionalmente um presente recheado de significados. E não é só saboroso, como altamente nutritivo, um rico complemento.



E o coelho? Conta a lenda que a tradição do coelho da Páscoa foi trazida à América pelos imigrantes alemães em meados de 1700. O coelhinho visitava as crianças, escondendo os ovos coloridos que elas teriam de encontrar na manhã de Páscoa.



Uma outra história conta que uma mulher pobre colheu alguns ovos e os escondeu num ninho para os dar aos seus filhos como presente de Páscoa. Quando as crianças descobriram o ninho, um grande coelho passou a correr. Espalhou-se então a história de que o coelho é que trouxera os ovos.

No antigo Egipto, o coelho simbolizava o nascimento e a nova vida. Alguns povos da Antiguidade consideravam-no como sendo o símbolo da Lua. É possível que ele se tenha tornado símbolo pascal devido ao facto de a Lua determinar a data da Páscoa.

Mas na verdade, a origem da imagem do coelho na Páscoa está ligada à fertilidade que os coelhos possuem. Os coelhos são notáveis pela sua capacidade de reprodução. Como a Páscoa é ressurreição, é renascimento, nada melhor do que coelhos, para simbolizar a fertilidade.

O cordeiro

Simboliza Cristo, sacrificado em favor do seu rebanho.

A cruz

Mistifica todo o significado da Páscoa, na ressurreição e também no sofrimento de Cristo. No Conselho de Nicea, em 325 d.C., Constantino decretou a cruz como símbolo oficial do cristianismo.

O Pão e o vinho

Simboliza a vida eterna, o corpo e o sangue de Jesus, oferecido aos seus discípulos.

Os ovos

Pintados com cores brilhantes, representam a luz solar, dados como presentes.

Dia de S. Valentim

Origens

Existem muitas tradições relacionadas com o dia da São Valentim ou Dia dos Namorados que variam de cultura para cultura. Por exemplo, nas Ilhas Britânicas na altura dos Celtas, as crianças costumavam vestir-se de adultos e cantavam de porta em porta, para celebrar o amor. No País de Gales, os apaixonados trocavam entre si prendas como colheres de madeira com corações gravados, chaves e fechaduras, o que significava "Só tu tens a chave do meu coração".

Mais tarde, na Idade Média, em França e na actual Inglaterra, no dia 14 de Fevereiro, os jovens sorteavam os nomes dos seus pares e estes eram cosidos nas mangas durante uma semana. Se alguém trouxesse um coração costurado na camisola, isso significava que essa pessoa estava apaixonada.

Ao longo dos tempos, as tradições de São Valentim foram-se alterando. A cada ano que passava, criavam-se novas tradições, lendas e brincadeiras, como é o caso das mensagens apaixonadas. A tradicional troca de cartões, cartas e bilhetes apaixonados no dia 14 de Fevereiro teve origem na altura da própria lenda de São Valentim, quando este teria deixado um bilhete à filha do seu carcereiro. No entanto, não há qualquer facto que comprove esta lenda.

A partir de 1840, na Inglaterra os cartões com as mensagens de São Valentim passaram a ser enfeitados com fitas de tecido e papel especial e continham frases que ainda hoje nos são familiares, como é o caso de «*would you be my Valentine*».

Nos dias de hoje, é entre os mais novos que estas mensagens de São Valentim são mais populares, sendo uma forma de expressarem os seus sentimentos.

Ivânia Alexandre - 12.º ano

Quem foi S.Valentim?

O amor não conhece idades e S.Valentim encarrega-se de zelar por todos os apaixonados. Saiba quem ele foi e como surgiu a tradição.

Todos os namorados sabem que o dia 14 de Fevereiro é uma data especial. É o dia em que os casais apaixonados trocam prendas simbólicas, como flores, chocolates e juras de amor eterno.

Mas de onde veio a moda de festejar o S.Valentim, e já agora, quem foi, na realidade, esse senhor?

Segundo reza a lenda, Valentim, um padre do século III D.C., casava, em segredo, jovens pares de namorados, contrariando assim, uma ordem imperial de Cláudio II. Ao reconhecer que os homens solteiros eram os seus melhores soldados, o imperados decidiu impedir os mancebos de contrair matrimónio, levando muitos deles a fazerem-no na clandestinidade. A actividade subversiva deste homem foi descoberta e, depois de preso foi decapitado. As relíquias deste santo ainda hoje se podem encontrar na Igreja Santa Praxedes, em Roma, um local de romaria obrigatória.

Contudo, a Igreja Católica regista a existência de um outro santo com o nome de Valentim, que também terá sido decapitado na capital do império romano, por volta da mesma altura.

Para os solteirões é um dos dias mais deprimentes do ano!.....

Andreia Oliveira - 12.º ano

O que é o Carnaval?

O Carnaval é um período de festas regidas pelo ano lunar que tem as suas origens na Antiguidade e recuperadas pelo cristianismo, que começava no dia de Reis (Epifania) e acabava na Quarta-feira de Cinzas, às vésperas da Quaresma. O período do Carnaval era marcado pelo "adeus à carne" ou "carne nada vale" dando origem ao termo "Carnaval". Durante o período do Carnaval havia uma grande concentração de festejos populares. Cada cidade brincava a seu modo, de acordo com seus costumes. O Carnaval moderno, feito de desfiles e fantasias, é produto da sociedade vitoriana do século XIX. As cidades de Paris e Veneza foram os grandes modelos exportadores da festa carnavalesca para o mundo. Cidades como Nice, Nova Orleans, Toronto e Rio de Janeiro inspirar-se-iam no Carnaval francês para implantar as suas novas festas carnavalescas.

Actualmente, o Carnaval do Rio de Janeiro, no Brasil, é considerado um dos mais importantes desfiles do mundo. Em Portugal, existe uma grande tradição carnavalesca, nomeadamente os Carnavais de Ovar, Loulé, Sesimbra, Rio Maior, Torres Vedras e Sines, destacando-se o de Torres Vedras, conhecido por *Carnaval de Torres*, por possuir o Carnaval mais antigo e dito o mais português de Portugal, que se mantém popular e fiel à tradição, rejeitando o samba e outros estrangeirismos.

Daniela Reis - 11.º ano

Cinquentenário da Escola

Foi no passado dia 16 de Fevereiro, que a nossa escola comemorou o seu 50º aniversário.

Foi organizada uma cerimónia para celebrar esta data tão importante para a nossa comunidade escolar, cerimónia essa em que o Director Pedagógico da escola, Artur Costa, fez uma breve apresentação em Power Point sobre a história da escola e sobre o seu fundador, Monsenhor José Galamba de Oliveira.

A cerimónia contou com a presença de algumas figuras ilustres, como por exemplo o irmão do nosso fundador e alguns membros da entidade proprietária da escola.

Depois da parte musical, seguiu-se uma dramatização de algumas passagens importantes da vida de Monsenhor Galamba de Oliveira. Seguidamente celebrou-se a Eucaristia, presidida pelo Sr. Padre Rui Acácio.

A celebração acabou no restaurante *Cardápio do Visconde*, onde todos os convidados foram presenteados com um magnífico almoço e um bonito bolo de aniversário. Esta celebração foi bastante elogiada pelos presentes e provocou alguma nostalgia, mas sobretudo alegria.

Vânia Lino - 10.º ano

No dia 16 de Fevereiro comemoraram-se os 50 anos de existência da Escola de Formação Social e Rural de Leiria. Esta foi uma grande festa! Sim, grande, porque relembrámos o nosso fundador, Monsenhor José Galamba, um homem que estava sempre disposto a ajudar os outros sem esperar nada em troca e que, por isso mesmo, também idealizou o curso de Educadora Social. Por tudo isto, será sempre recordado como um grande homem que marcou positivamente todos aqueles que conviveram com ele. Nós, as actuais alunas, apesar de não o termos conhecido, ao ouvirmos a sua história, reconhecemos que nos deixou uma grande lição de vida. A festa iniciou-se com uma palestra, "50 Anos de Educação", proferida pelo nosso Director Pedagógico, Dr. Artur Costa. Nesta palestra, o professor Artur relembrou como a nossa Escola começou, numa época cheia de dificuldades que foram sendo vencidas com a força e determinação desse grande Homem. A testemunhá-lo, há ainda duas antigas alunas – as Meninas Margarida e Mariana – que dão o seu precioso contributo a esta instituição.

Seguiu-se, depois, um momento musical, dirigido pelo professor José António. As alunas da Escola cantaram " Nossa Senhora do Amparo", a aluna Deolinda, do 11.º ano, tocou uma música na flauta transversal, e a aluna Dina, do 12ºano, tocou algumas músicas populares com o acordeão.

Veio, então, a tão esperada dramatização, adaptada e orientada pela professora Isabel Aragão. A peça de teatro, representada pelas meninas do 12.º ano, intitulava-se "Exemplos de Vida", encenada a partir de textos escritos pelo Monsenhor. Retrata momentos tristes da sua vida, um deles a morte da sua mãe, que, segundo o autor, «marcou profundamente a sua alma de sacerdote».

Para terminar a manhã festiva, celebrou-se a Eucaristia presidida pelo Padre Rui, professor desta Escola, coadjuvado pelo Cónego Aurélio Galamba, irmão do fundador. Foi uma celebração bastante participada pelos presentes, com cânticos, leituras e ofertório, dinamizados pelas alunas.

O almoço foi o culminar deste convívio, tiraram-se fotografias, confraternizou-se muito, até com as alunas que estavam a realizar o estágio final de seis meses. Gostei muito da festa, principalmente da palestra, senti vontade de ter participado nos primeiros tempos desta escola, onde tudo era tão diferente. Actualmente, queixamo-nos do trabalho que nos é exigido, mas se pensarmos como eram as coisas naquele tempo, não temos razão para reclamar.

Em resumo, a história desta Escola dá-nos uma lição de vida que deverá servir para o nosso futuro.

Tatiana Ramusga - 12.ºano

"A TIGELA MAIS ORIGINAL"

A Câmara Municipal de Portel realizou, entre os dias 2 e 4 de Março de 2007, o *I Congresso das Açordas*, com o objectivo de valorizar um dos pratos mais emblemáticos da gastronomia Alentejana.

A par deste evento, realizou-se o 1.º Concurso Escolar "A TIGELA MAIS ORIGINAL", aberto a todos os alunos das escolas portuguesas, com o intuito de promover visões contemporâneas sobre o significado de um artefacto enraizado na nossa cultura alimentar – a tigela.

CERTIFICADO

Certifica-se que a escola de Formação Social Marrazes participou no I CONCURSO ESCOLAR "A TIGELA MAIS ORIGINAL" no âmbito do I CONGRESSO DAS AÇORDAS, em Março de 2007.

O Presidente da Câmara

Neste desafio participaram as alunas do 10.º ano, com empenho e criatividade, tendo obtido resultados como os que vemos nas fotografias de alguns dos trabalhos enviados para efeitos de concurso. Embora a Escola não tenha sido premiada no concurso, estas tigelas são a prova dessa mesma criatividade. Contamos poder vê-las "ao vivo", assim que no-las devolverem. Entretanto fica o certificado como prova!

Papa Açorda - Ana Filipa Neves

Para além da originalidade - Diana Ferreira

Tigela listada - Daniela Vieira

Butterfly - Carolina Gomes

... Leila Vieira

Tigela da Alegria - Mariline Oliveira

Bom apetite - Marta Pereira

Visita do Senhor Bispo

No dia 14 de Março, das 12 às 14 horas, o Senhor Bispo de Leiria-Fátima, **D. António Marto**, deu-nos a honra de uma pequena visita. De facto, aquando do primeiro momento das comemorações, foi-lhe endereçado o convite mas, por sobrecarga de agenda, não lhe foi possível deslocar-se à Quinta do Amparo.

Esteve connosco numa visita informal que muito nos apraz registar aqui no nosso pequeno jornal.

Após uma visita guiada às instalações da Escola e do palacete, teve a oportunidade de almoçar no refeitório, onde, no final, dirigiu algumas palavras às alunas. Para além de ter ficado sensibilizado e ter agradecido o convite, contou uma pequena parábola cuja mensagem se pode sintetizar do seguinte modo: *a Escola, para além dos conhecimentos, deixa-nos como herança a educação que é um dos maiores tesouros que qualquer ser humano deseja ter.*

Agradecemos a vinda do Senhor Bispo e contamos com ele no dia 23 de Junho para o 2.º momento das comemorações do cinquentenário da Escola.

Breves

6 de Fevereiro - Simulação de sismo, no âmbito da disciplina de Saúde e Socorrismo. Correu bem.

13 de Março - Vinda das estagiárias (6 meses) à Escola, a fim de esclarecerem dúvidas sobre o relatório final.

15 e 16 de Março - Monitores de estágio deslocaram-se à Escola, a fim de se pronunciarem sobre o modo como está a decorrer o actual modelo.

ESCOLA DE FORMAÇÃO SOCIAL
Quinta do Amparo - Marrazes
2415-525 LEIRIA Tel./Fax: 244855010
efsocial-leiria@mail.telepac.pt
www.efsocialdeleiria.no.sapo.pt

OLHAR(ES)

Ano III - n.º 7 - Março de 2007 - Preço: 0,50 olhares

EDITORIAL

Eis-nos chegados ao fim de mais um período lectivo! Estamos todos exaustos, porque o trimestre nos pareceu demasiado longo. É normal, o cansaço não perdoa! Contudo, creio vislumbrar no rosto de cada um aquele ar de inegável felicidade (as férias estão à porta!), como se o tempo, afinal, não tivesse deixado marcas negativas no nosso espírito.

De facto, temos muitos motivos para nos regozijarmos, pois várias foram as actividades que nos trouxeram algo de novo durante estes três meses de aulas: início dos estágios das alunas do 12.º ano, visita de estudo a Sintra, vinda do Senhor Bispo à Escola, participação em concursos e … primeiro momento das Comemorações do Cinquentenário da Escola de Formação Social de Leiria. Este último evento, só por si, insere-nos num clima de festa que se estenderá, estou certo disso, até ao final do ano lectivo, altura em que partilharemos a nossa felicidade com muitas daquelas que se formaram e deram nome à Escola fundada por Monsenhor José Galamba de Oliveira.

Por outro lado, a juntar a todos estes acontecimentos, não podemos esquecer que, como cristãos, estamos a viver um tempo de interiorização e conversão – a Quaresma – com vista à Ressurreição de Cristo: a Páscoa.

São, portanto, todos estes sentimentos de indiscutível júbilo que nos animam e nos fazem sentir orgulhosos da educação e das aprendizagens que vamos adquirindo nesta ESCOLA DE FORMAÇÃO. Este número do nosso jornal é o espelho daquilo que vamos construindo paulatinamente com o esforço de todos os intervenientes no acto educativo.

Oxalá cada um de nós possa dar o seu – melhor – contributo para a árdua tarefa da FORMAÇÃO/EDUCAÇÃO da nossa sociedade. Se assim for, estou convicto de que seremos recordados, daqui a 50 anos, com o mesmo carinho e ternura com que, agora, o fazemos em relação aos que nos precederam

Boas férias e uma Santa Páscoa! *Artur Costa*

CINQUENTENÁRIO DA ESCOLA DE FORMAÇÃO SOCIAL DE LEIRIA

SUMÁRIO:

Página 2 - ***Estágios***
Página 3 - ***Residência na primeira pessoa***
Página 4 - ***S. Valentim e Carnaval***
Página 5 - ***Cinquentenário da Escola***
Página 6 - ***A Páscoa e símbolos***
Página 7 - ***Visita de estudo***
Página 8 - ***Concurso/Sr. Bispo na Escola***

Ficha técnica:
Director: Artur Costa
Conselho de Redacção: Professores - Maria Marques, Madalena Costa, Pe. Rui Acácio; Alunas - Daniela Vieira ,Vânia Lino, Paula Costa, Júlia Lucas, Flávia Vitório e Diana Bento.
Propriedade da Escola de Formação Social e Rural - Quinta do Amparo - Leiria; Tiragem: 100 exemplares